

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Cortando os laços

O presidente Fernando Henrique Cardoso deu posse aos novos ministros e se esforçou para cumprir à risca o novo modelo que alia gestos de dinamismo administrativo – que, por enquanto, limitam-se a intenções – ao discurso sóbrio. Não fez uma única concessão à ironia, não cedeu à tentação da *boutade* improvisada, terror da assessoria, e distribuiu tarefas ministro a ministro.

Se de um lado ganhou em objetividade, de outro se expôs à cobrança, já que falou em números e estabeleceu prazos: por exemplo, 2002 para que as exportações brasileiras somem US\$ 100 bilhões por ano, o dobro do número atual.

Reservou pouco espaço à política, parte dele dedicado à oposição, que hoje certamente fará a repetitiva análise, segundo a qual Fernando Henrique dedicou-se a arrogâncias porque disse que se a oposição não fizer parte – ainda que no exercício da crítica – de um projeto de desenvolvimento para o país estará “contra o Brasil”.

Aproveitou para rechazar o “golpismo”, num movimento um tanto extemporâneo, pois, a menos que disponha de informações a respeito de alguma nova ofensiva pró-renúncia ou pró-impeachment, fez referência a uma onda já arrefecida. Aludiu ao “diálogo” e à “mão estendida”, mas de maneira difusa que não autoriza a oposição a, sem proposta mais específica, apresentar-se ao debate.

A tônica, em resumo, revelou a busca de um entendimento mais direto com aqueles que esperam e dependem dos resultados de ações do governo: o cidadão.

Mas como tudo isso por enquanto depende da prova dos nove que será dada pela realidade daqui para a frente, fiquemos com o que já é fato e pode ser extraído do discurso de ontem: Fernando Henrique, ao mesmo tempo em que pouco a pouco vem cortando seus laços de amizade dentro do governo, pela primeira vez revelou preocupação com um aspecto de sua imagem que vinha se firmando junto à população e ele não parecia se dar conta disso: o presidente não quer passar por mau-caráter na História.

Ao tentar amenizar a impressão de que foi desleal com os amigos, como Celso Lafer e Bresser Pereira, e deselegante com os desafetos, como Renan Calheiros, cometeu alguns exageros. Fez tantos e tão candentes quanto detalhados elogios à atuação de Lafer frente à pasta do Desenvolvimento que, à certa altura da cerimônia, os presentes começaram a se perguntar por que foi mesmo que o embaixador caiu.

Com Bresser e Francisco Turra (Agricultura) foi menos entusiasmado, mas da mesma forma desenhou deles um perfil de excelência que não justificaria a demissão. A não ser que o presidente estivesse dizendo ali que, a partir de agora, ministro além de competente tem de ser também marqueteiro. E parece que é isso mesmo.

Tanto que, depois de deixar Renan Calheiros de fora da lista dos elogiados, recebeu um bilhete do embaixador Flávio Pecly lembrando o lapso e, na correção, de novo extrapolou: determinou a José Carlos Dias, velho combatente dos direitos humanos, um profundo conhecedor de polícia, homem de diálogo e trânsito do Judiciário à Igreja, que aos 60 anos de idade comece a se pautar pelos parâmetros impressos por Renan Calheiros à atuação do Ministério da Justiça.

Nesta altura da vida, de fato, tornar-se um seguidor de Renan Calheiros não deve ser exatamente o que José Carlos Dias esperava para a própria biografia.

Sempre se pode dizer que o exercício da gentileza pública em detrimento dos fatos é inerente ao cargo, cujas circunstâncias obrigam por vezes ao sacrifício dos mais próximos. E ontem Fernando Henrique parecia especialmente disposto a reparar ferimentos de espírito. Por exemplo, quando disse sem justificativa no contexto que José Gregori – secretário de Direitos Humanos que ninguém entende por que não foi até hoje para a Justiça – era praticamente um ministro. Talvez Gregori tenha preferido sua parte em ato administrativo mais substancial.

Da mesma forma como todos os outros demitidos que, no dizer de Fernando Henrique, “foram afastados apenas temporariamente do governo”. Pode ser que não seja um mero agrado e que amanhã venham mesmo a reintegrar a equipe. Mas que ficou parecendo que o presidente buscava apenas não ser objeto do desagrado pessoal dos que saem, lá isso ficou.

Mas é melhor que não esperem nada, pois pelo jeito integração aquele mesmo time de conselheiros do qual Gustavo Franco participaria logo depois de ser demitido do Banco Central, conforme o governo chegou a anunciar na época.

Avança no Brasil

Lá pelo meio do discurso, o presidente acabou revelando que já está escolhido o nome fantasia do Plano Plurianual, o PPA, denominação burocrática que carecia de tradução popular. Será *Avança, Brasil*, o mesmo dístico que serviu de slogan à campanha da reeleição. Cada um dos projetos do programa terá a palavra “avança” antes do tema específico. Por exemplo, “avança, Nordeste”, “avança, mulher”, “avança, criança” e por aí fora.

O problema do nome é que dá margem a todo tipo de piadas. Ontem mesmo já surgiu o “avança o sinal” e o “avança na grana”. Este administrado pelos que confundem política pública com política na coisa pública.

e-mail para esta coluna: dkramer@jb.com.br